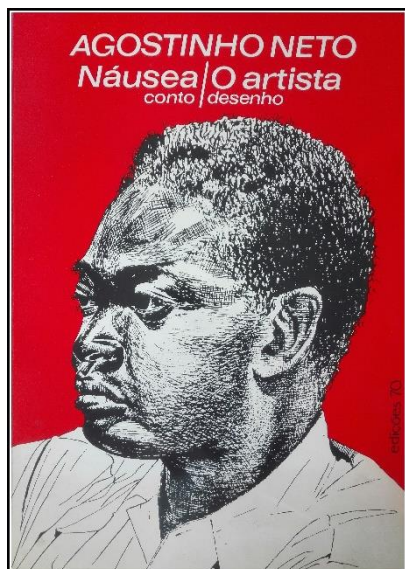


Náusea, de Agostinho Neto

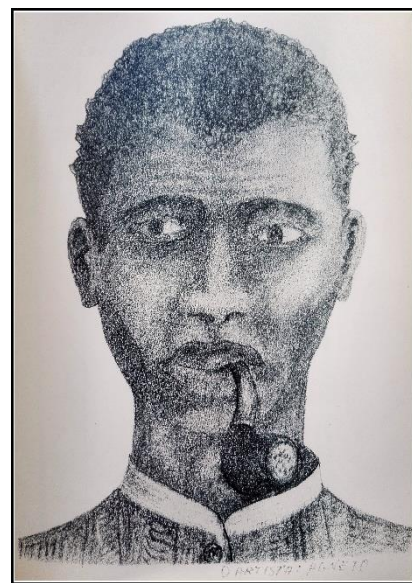
Ana T. Rocha



Em setembro de 1980, a Edições 70 deu à estampa uma belíssima edição do conto “Náusea”, de Agostinho Neto, acompanhado da inconfundível arte de António Domingues. Esta edição conta com uma nota de António Jacinto e um prefácio de Antero Abreu. É possível encontrarmos também imagens que reproduzem a primeira publicação do conto netiano, no n.º 2 - 4 da revista *Mensagem* de 1952. Um componente particular vem tornar esta edição mais completa e relevante: o desenho “O artista”, da autoria de Agostinho Neto, que surge mencionado no título do livro, e que vem, juntamente com o texto em prosa, mostrar a polivalência artística do primeiro presidente

angolano. Porém, é o conto e a prosa netiana que mais nos interessam aqui.

Tal como na poesia, Neto serve-se de uma linguagem simples que ele compõe neutra e elegante, permitindo-lhe expressar a força da temática explorada de um modo subtil e raro na prosa angolana. Neste curto conto, são a contenção e o não explícito os fatores que o constroem perfeito, coeso e delicado no seu vigor.



Esta característica impera no trabalho poético netiano, à qual apenas o longo poema “A Renúncia Impossível” surge como exceção; porém, ela ganha, na prosa, um novo impacto sobre o leitor ao revelar uma forma de contar angolana que não foi muito explorada por outros autores. Daí, talvez, que Antero Abreu refira a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no seu prefácio. É a crueza da palavra, a dureza do não dito, a fatalidade do sugerido.

Por estes motivos, acreditamos que uma reedição deste conto é importante, sobretudo,

pelo privilégio da mensagem e do seu suporte face ao prazer estético fácil, demonstrando como a adequação, nas suas características, da forma ao teor, nos acerca da desejada perfeição de uma peça literária, à qual o procurado prazer estético se lhe acresce consequentemente.

